

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Urbana Conceição de Jesus

registada em 2008-09-09

por

Jenny Campos, Susana Pires e Filipa Rodrigues

Urbana Conceição de Jesus

Urbana da Conceição de Jesus, conhecida como tia São, nasceu a 26 de Outubro de 1917. Os pais chamavam-se Urbana de Jesus e Manuel Duarte. Criaram seis filhos, cinco raparigas e um rapaz. Os pais trabalhavam no campo. O pai foi leiteiro em Lisboa, andava na rua com as vacas. Enquanto a mãe ficou na aldeia a criar os filhos, a cuidar da vida da casa e a tratar da terra. Com 7 anos não a deixaram ir à escola, tinha de ajudar a mãe nos campos e nas fazendas. Urbana não andou na escola mas aprendeu qualquer coisa, com uma rapariga que a ensinou. Após três meses já fazia uma carta. Aos 21 anos começou a namorar com o marido, Mário Francisco, o “namoro foi simples”. Passados três meses, pediu-a em casamento aos pais. O casamento foi em Pardieiros, “foi uma festa rija”. O marido era colhereiro e também ia para Lisboa, no Verão, vender morangos pelas ruas. Depois de um ano de casamento, teve o filho, em casa, nos Pardieiros. Para o futuro só deseja "pão com côdea e borracha à cinta".

Índice

Identificação Urbana da Conceição de Jesus.....	4
Ascendência Urbana de Jesus e Manuel Duarte.....	4
Infância "Quando era pequena...".....	4
Educação "Em três meses pôs-me a fazer uma carta".....	5
Casa "Era pequenina, velhinha e ferrugenta".....	6
Namoro "Namorei uns três meses".....	6
Casamento Fui de vestido, véu, grinalda e raminho na mão.....	7
Migração "Era bonita Lisboa naquele tempo".....	7
Descendência "É bonito ter gente que cuide de nós de todas as maneiras".....	8
Lugar "Têm havido melhoramentos".....	10
Religião A Irmandade de São Nicolau.....	12
Costumes Costumes.....	12
Quotidiano "Lidei com muita gente, e boa".....	14
Sonhos Saúde.....	16

Identificação *Urbana da Conceição de Jesus*

O meu nome é Urbana da Conceição de Jesus. Nasci a 26 de Outubro de 1917. Sou a tia São! A mim conhecem-me por Conceição não é por Urbana. Urbana é que figura em toda a parte nos meus cartões e tudo, mas Conceição é como me conhecem.

Ascendência *Urbana de Jesus e Manuel Duarte*

Os meus pais chamavam-se Urbana de Jesus e Manuel Duarte. A terra deles era o Sardal, uma aldeia próxima. Vê-se da rua do Outeiro, no Barroco de Cima.

De feitio os meus pais eram bonzinhos. O meu pai era muito alegre. A minha mãe também. Mas o meu pai era mais alegre que a minha mãe. Éramos seis filhos, cinco raparigas e um rapaz. Éramos divertidos e alegres, graças a Deus.

Os meus pais trabalhavam no campo. O meu pai foi leiteiro em Lisboa. No tempo em que lá estava, já homem, andava na rua com as vacas. Nesse tempo, o leite não era vendido nas leitarias, era mesmo com as vacas. Mugiam-nas na rua ao vivo, para as pessoas comprarem o leite. Serviam assim os fregueses. Depois, quando era mais idoso o meu pai rumou para a terra.

A minha mãe não foi para Lisboa, coitadita, ficou cá a criar os filhos e a cuidar da vida da casa. O meu pai vinha cá volta e meia. Também era ela que tratava da terra. Tratava de alguma coisinha enquanto pôde. Plantava milho, batatas, feijão, cebolas, alfaces e o que era preciso. Os filhos lá iam trabalhando, quando podiam já.

Naquele tempo a relação dos filhos com os pais era boa. Havia muito respeito, não era como agora, que se chamam os pais por tudo que é uma vergonha. Não era. É triste ver como a gente foi criada e agora não há respeito nenhum pelos pais. Nós tínhamos o máximo respeito. Basta isto, a gente comia o almoço e não nos levantávamos da mesa sem rezar. É verdade.

Infância "*Quando era pequena...*"

Às escondidas e ao trinta e um

Quando era pequena todos tínhamos brincadeiras. Jogávamos às escondidas e ao trinta e um. O trinta e um era um jogo em que contávamos e depois escondíamo-nos. Naquele tempo só brincavam as raparigas, não tínhamos misturas com os rapazes. Era tudo muito sério, não era como agora. A gente só no baile é que dançava com os rapazes.

O padre e as laranjas

Eu andei na doutrina, na Benfeita. Não foi na catequese que não se usava mas, comunguei e tudo. Eram lá umas velhotas e as nossas mães que nos ensinavam. A gente aprendia em casa e depois ia à Benfeita, ao padre, explicar o que sabíamos. Isso é que era uma vida! Eu aprendi a doutrina toda. Depois, ao domingo, íamos ao padre. Ele perguntava-nos as coisas, quem sabia dizia, quem não sabia mandava-nos às laranjas, para ir aprender mais. Nós não trazíamos de lá laranjas, nada, mas ele é que nos mandava. Aquilo é que era um tempo! A gente vinha toda desgostosa, toda chateada. Então tínhamos que lá ir noutro dia. Comigo nunca aconteceu mas, acontecia com muitos miúdos, porque não sabiam.

"Era uma casa farta"

Eu ajudei muito a minha mãe, nos campos e na fazenda, quando o meu pai andava em Lisboa. Com 7 anitos não me deixavam ir para a escola, porque tinha o que fazer, guardar um rebanho de gado: ovelhas e cabras. Também tínhamos bois, criávamos dois porcos e tínhamos um rebanho de gado. Tínhamos muito que fazer. Muita fazenda, muito vinho, muito azeite e muito milho. Só vendíamos milho e feijão se às vezes tínhamos a mais. Era uma casa farta. O que é que dinheiro, naquele tempo, não havia como agora há, mas havia alegria.

Educação "*Em três meses pôs-me a fazer uma carta*"

Eu não andei na escola mas aprendi qualquer coisa. Pouco, mas aprendi. Foi uma rapariga que é da minha idade que me ensinou. Ela andava na escola, na Benfeita, e eu comecei a ir para lá à noite aos bocaditos. Já eu era rapariga namoradeira, era crescida, tinha os meus 16 anos. Ela começou-me a ensinar e em três meses pôs-me a fazer uma carta. Ainda escrevi algumas cartas para o meu irmão, depois para o meu marido quando ele ia para Lisboa, e para a minha nora Hermínia. Agora é que a gente telefona, não tem necessidade de andar a gastar papel nem de escrever.

Casa "*Era pequenina, velhinha e ferrugenta*"

Lembro-me da casa onde vivi quando era pequenina, era velhinha e ferrugenta. Só tinha um andar, mas era grande. Era uma casa cheia de mulheres. Tínhamos a sala da costura, uma sala grande, os quartos onde dormíamos e a cozininha. Fazia-se o comer na lareira. Não havia fogões, não havia chaminés, não havia nada. Era na lareira. Faziam-se aquelas fogueiras e as painéis em volta. A família reunia-se na sala, ao pé da minha irmã, a mais velha, quando costurava. Eu ainda aprendi a costurar qualquer coisa. Gostava de ter aprendido mais. Mas, quer dizer, o pouco que sei foi por minha autarquia. Só a ver, aprendi.

Também tínhamos lojas ao pé das fazendas e as ovelhas ficavam lá. Não ficavam ao ar livre, era nas lojas.

Namoro "*Namorei uns três meses*"

O meu namoro foi simples, tinha eu 21 anos. Os rapazes daqui e da Benfeita iam para o Sardal dançar. O meu marido gostou de mim e começou a dançar comigo. Simpatizou comigo. O nome dele era Mário Francisco. A gente conhecia-se, era como se fosse tudo da mesma terra. Namorei uns três meses, pouco mais. Ele pediu-me em casamento aos meus pais. Já tinha falado comigo, depois teve que me pedir aos pais. O meu pai deixou-me à vontade. Era moda naquele tempo pedirem aos pais. Agora elas é que se oferecem. Não digo todas mas, parte delas. Eles agora não têm trabalho de as pedirem aos pais.



Urbana e o marido Mário Francisco

Casamento Fui de vestido, véu, grinalda e raminho na mão

O meu vestido de casamento era como se usava naquele tempo. A gente ia vestida de cremezinho, com o véu, uma grinalda, um raminho na mão e ia toda contente. Ia com um vestido comprido, de crepe da China, foi a minha irmã que o fez. Naquele tempo ainda era assim. Foi na Benfeita que a gente se foi receber. O casamento foi aqui em Pardieiros. Comemorámos na aldeia, foi uma festa rija. E cá fiquei. Naquele tempo, nos casamentos havia sempre muita comida. Matava-se gado, carneiros, e fazia-se cozido à portuguesa, carne de porco e chouriço. E havia arroz-doce, tapioca, coscoréis, bolos. Era tudo bom. Tudo saudável. Nesse dia quem cozinhou foi a minha sogra, que era cozinheira. No meu tempo fazia os casamentos todos.

Migração "Era bonita Lisboa naquele tempo"

O meu marido era colhereiro mas, também ia para Lisboa, no Verão, vender morangos. Compravam na praça e depois andavam pelas ruas a vender. Era bonita Lisboa naquele tempo, agora não presta para nada. Eu já vou para Lisboa

há mais de 50 anos, desde que o meu filho para lá foi, mas estou lá pouco tempo. Eu gosto mais de estar na minha casinha.

Descendência "*É bonito ter gente que cuide de nós de todas as maneiras*"

Tive o meu filho, Sérgio Francisco, logo depois um ano de me casar. Tenho mais 22 anos do que ele. Nasceu em Pardieiros. Foi a Nazaré, a avó da dona Alice, que me ajudou a ter o filho. Ainda foi complicadito. Custou muito, mas o meu filho, é bom! É uma pessoa alegre, muito vivida. Graças a Deus!



Sérgio Francisco, filho de Urbana, no dia em que fez 20 anos

Também tenho três netos e quatro bisnetos. Os netos já são grandes. A mais velha já fez 44. Os meus netos chamam-se: Ana Cristina, que é a mais velha, a outra chegada é a Isabel, o outro é o Luís Miguel Pereira Francisco. A Ana Cristina tem dois filhos, a Beatriz e o Duarte. A Isabel tem a Leonor e a Teresa. É uma alegria. É bonito ter gente que cuide de nós de todas as maneiras.



Urbana de Jesus e a bisneta Beatriz

Lugar "*Têm havido melhoramentos*"

Pardieiros antigamente

No Sardal, a aldeia onde nasci, era tudo casitas, de pedra de xisto. E agora está tudo lá. É uma aldeia jeitosinha, bonita. Quando vim para Pardieiros custou-me muito, mas adaptei-me bem. Tinha muitas saudades da terra. Era aqui pertinho, a gente andava em Pardieiros, e eu ouvia cantar lá as pessoas nos matos. Ouvíamos e fazia-me aquilo saudades. Saudades da família. Mas em termos de festas, de tradições era igual. Sempre bonito, sempre bom. Íamos para o Sardal, para a festa de lá e trazíamos uma cesta cheia de comer. E eles iam daqui também com um carregamento para levarem, para comerem ao outro dia. Íamos a pé porque não havia estradas, não havia nada e os caminhos eram maus. Era tudo peneda. Depois, como tínhamos também muita azeitona, o meu marido mandou abrir uma estrada para a virem carregar à porta. Também não havia carros, eram carros de bois. Os donos dos lagares é que tinham desses carros. Nessa altura, fabricávamos o azeite por nossa conta. Lembro-me que o traziam numas bilhas.

Colhereiros

Na altura em que eu vim para Pardieiros cada casa tinha um colhereiro ou dois. Havia muitos filhos. Eram os pais e os filhos de rancho uns a trabalharem ao pé dos outros. Era muito bonito ver aquela alegria. A gente dizia que era a terra melhor da freguesia porque tinha muitos colhereiros. Quem andava no campo não tinha dinheiro mas, os colhereiros, todos os domingos, tinham dinheiro fresco. Iam levar as colheres à Esculca e, outras vezes, à Benfeita. Levavam as colheres e traziam o dinheiro para as despesas e para guardar algum, se pudesse ser.

A casa da Comissão

Antigamente, o largo de Pardieiros era pequenino. Não havia nada daquilo. Era uma casa pequena, que lá estava. Depois foi demolida para fazer aquela casa grande. Quem a fez foi o meu filho, que era presidente da Comissão. Mas não é como está agora. Andaram a fazer modificações por dentro. E depois

escangalharam aquilo tudo, compraram os terrenos em volta e fizeram aquela casa.

São Nicolau

A nossa capela, em nome de São Nicolau, sempre foi ali. Mas era pequenina. Como a capela estava velha, os pais do senhor doutor Fausto Dias pediram que a queriam arranjar. Então compraram um terreno ao lado e fizeram essa grande. Foi o doutor que gastou o dinheiro.

Ainda se faz a festa de São Nicolau. Fazem uma procissão, a missa e pouco mais. Este ano vieram cá uns conjuntozitos para nos divertirem. Mais nada. A música veio fazer a festa e foi-se embora. Antigamente a festa era mais bonita. A mocidade divertia-se muito e agora não. Nas ruas estava tudo enfeitadinho. Este ano só enfeitaram o largo, mais nada.

Também me lembro da mudança do sino. Agora já não é manual. Era na praça que estava o sino. Tinham que lhe dar corda. Tinha uns pesos. De vez em quando parava e os pesos vinham para o chão, chegando ao chão, os pesos, eram uns penedos.

O que comíamos antigamente

Antigamente a comida era normal. Era o comer do que dava a agricultura, a fazenda: castanhas piladas que a gente tinha muitas castanhas. Não iam para as mercearias, como agora. Tínhamos muito feijão, muita batata. Também se matavam os porcos. Tínhamos o gado. Fazíamos muitos queijos e bebíamos o leite.

Nós tínhamos muitos terrenos. Era tudo pertinho de casa. Levávamos muitas vezes as ovelhas para os campos, para a fazenda e depois um bocado para o mato. Eram dias bonitos, não fazíamos nada, andávamos só a guardar o gado. Era ao fim de almoço que íamos. Ao meio-dia chamávamos o jantar e à noite era a ceia.

Com o pouco dinheiro que tínhamos comprávamos bacalhau, sardinha e mercearia. Havia aqui na aldeia duas casas a vender nessa altura. Eram umas mercearias. Chamávamos de taberna. Vendiam o vinho e vendiam mercearia. Mas nós comíamos muito do campo, porque tínhamos muito. Era comer bom. Lembro-me que uma das tabernas era na casa que está no largo. Uma casa grande no meio do largo. Aí era uma taberna e em baixo era a outra. E onde está a Casa do Povo também houve uma.

Com a Comissão de Melhoramentos têm havido muitos melhoramentos aqui em Pardieiros: o campo da bola e a casa da Comissão, que o meu filho construiu. Agora por dentro foi já outra Comissão que fez. E a capela, que era pequenininha, está bonita também. Temos uma estrada nova, que ainda agora inauguraram, que vai daqui para a Mata e para o Monte Frio. Foi o meu filho que a puxou para cá, quando era presidente da Comissão. Foi verdade. No dia em que foi inaugurada ele falou e até chorou. Chorou, porque há 33 anos que andava a batalhar para isto ser feito. As melhorias foram boas para a população. Não havia cá telefone, nem médicos. O posto médico era na Benfeita.

Antigamente quando uma pessoa estava doente chamava-se o médico de Côja, de Avô ou de Arganil. Havia certas coisas que tratávamos em casa com os remédios caseiros. Eram umas constipações e curavam-se com umas ervas e com chás. Também havia um barbeiro, na Benfeita, que curava certas coisas. Era como um médico, o José Augusto Pinto. Ainda lá está um filho dele. Quando a gente tinha uma constipação ou uma coisa qualquer ele é que era o nosso médico. Era uma barbeiro mas era muito sábio.

As pessoas de Pardieiros são conhecidas como Ralhadores. Mas todas as terras da freguesia tinham um nome. E ia por aí abaixo: Cavaleiros, de Enxudro. Em Côja não sei se são Balseiros se é Bois. Em Pisão tudo tem nome e na Benfeita também.

Tudo correu muito bem aqui, só corre mal agora é a vida estar má e haver muita ladroagem.

Religião *A Irmandade de São Nicolau*

Eu pertenço à Irmandade de São Nicolau, desde que me casei, já há muitos anos. A Irmandade é uma colectividade que fazem nas freguesias, onde há assim muita população, muita gente. Eu gosto de participar. Isto já é muito antigo e está ligado à igreja. Não fazemos nada, só somos sócias, pagamos a quota ao fim do ano e mais nada. Os homens é que têm de resolver os problemas das capelas.

Costumes *Costumes*

"Lembro-me como se fazia o queijo"

Lembro-me como se fazia o queijo. Tirava-se o leite, depois coava-se para um paninho limpo de linho. E punha-se um bocadinho de cardo, para coalhar e

fazia-se o queijo. Estava um bocadinho a coalhar e estando já arranjado a gente tirava com a mão e fazia o queijo. Para isso há uns acinchozinhos que se calcava, com as mãos. Estes queijos eram para casa. Tudo tinha queijo com fartura.

"É um doce muito fino, muito bom"

O doce de tapioca também é muito bom, e é bom de fazer. Ainda fiz meio quilo, pela festa, é a minha especialidade. A minha nora fez lá a festa e até disse: - "Olha isto é demais."

Porque a tapioca rende muito. Para fazer tapioca antes de ir para o lume, põe-se o leite para dentro, a remolhar um bocadinho. Quando é grossa, é de véspera, quando não é, põe-se um bocadinho a remolhar, uma pinguinha de água e leite. E depois põe-se para o tacho, põe-se mais leite, o açúcar, umas pedrinhas de sal, uma casca de limão. É preciso estar sempre a mexer, porque senão agarra-se. É um doce muito fino, muito bom.

Cinco anos na pia

O azeite era feito no lagar. Vinham buscar a azeitona, moíam-na e depois traziam-nos o azeite. A gente tinha umas pias, em pedra milheira, onde o guardávamos. Tínhamos azeite na pia quatro e cinco anos, e bom. Agora o azeite não é fabricado como antigamente.

Pneumonia a papas de linhaça

Quando se tinha uma pneumonia era assim que se curava: comprava-se linhaça na farmácia, vinha moída. Aquilo era fervido com água, e depois punha-se. Punham ventosas nas costas, eram uns copos. E depois punha-se aquelas papas de linhaça quente em cima, polvilhadas com mostarda. Aquilo custava.

As rezas também curavam mas isso é só os "estroncados"¹ e os maus jeitos. Agora muitas rezas eram já para os lados das médias.

Natal e Páscoa em família

O Natal eu vou passá-lo a Lisboa, já há muitos anos que não passo em Pardieiros. O Natal com esta gente toda é uma alegria. É uma alegria que eu tenho. Já estou velha mas vá para onde for, nunca me deixam em casa, querem

¹torcidos

sempre que eu vá para todo o lado. A minha neta que está formada, a minha Isabel, todos os anos, pelo Natal a prenda que me dá a mim e à mãe é um bilhete para irmos ao Teatro, ao Politeama. Já fui ver a "Amália". Ver aquelas coisas bonitas que o senhor Filipe La Féria faz. É para aí que a gente vai. Gasta um dinheirão com os bilhetes para a gente e para a sogra. A Páscoa é que os meus netos vêm cá passar, e o meu filho. É tudo bonito. Quando a gente está em família, estejamos onde estivermos é bonito.

"Divertíamo-nos aos domingos"

Antigamente não era só trabalho, divertíamo-nos aos domingos. Lembrome muito bem dos dias em que a gente ia à missa e depois fazíamos um baile. Iam rapazes de toda a freguesia. Havia muita mocidade, a divertirem-se com a gente. Mas tudo uma gente muito séria. Havia gente que sabia tocar muito bem, o meu irmão tocava banjo. Era o único distraimento que a gente tinha, era o baile.

Quotidiano *"Lidei com muita gente, e boa"*

Eu fui convidada a participar num filme, o "Sangue Vermelho", porque eles andavam aí à procura de pessoas para participar. Uma velhota para ser avó de uma menina. Nomearam-me a mim.

- "Olha está aí a tia São, que é assim muito engraçada, sabe muitas anedotas e tem muito experiência. É capaz de servir."

Vieram-me convidar. Na altura disse-lhe que não ia. Mas depois disse:

- Olhe não vou sem pedir autorização ao meu filho.

Já estava viúva. O meu marido já fez 15 anos que morreu. Telefonei ao meu filho e ele disse:

- "Então a mãe vá. Olhe, diga ao Leonardo que vá consigo."

O Leonardo é um rapaz que era primo dele. Mas eu nunca precisei, graças a Deus. Arranjei ali uma família. Tinha uma rapariga que me vinha cá buscar e trazer à noite, ao cerrar da noite, quando acabasse aquilo. Metiam-me sempre à frente de todos, para eu vir descansar. Eu era a mais idosa. Depois fôramos a Côja, o senhor Pedro pediu para irmos fazer uma demonstração a uma escola.

Fiz o filme mas nem ajustei nada com eles, deram-me o que eles quiseram. Agora ajustam, este prémio e isso... Mas eu não. Fui de livre vontade. Nem sabia se me davam alguma coisa, se não. Mas eu também não sabia que aquilo custava tanto. Eu apareço pouco, é uma coisita aqui e além. Se aparecesse tudo o que eu fiz... O meu papel era trabalhar com um homem que veio de Lisboa, que eu não conhecia, e com a rapariga que era minha neta. Ela veio de Arganil, chama-se

Raquel. Trabalhei lá muito, no pouco tempo que lá estive. As filmagens eram todos os dias mas cortavam-nos a fita, volta e meia. Custou-nos muito. Eu ainda regulava, graças a Deus, não é estar-me a gabar. Eles botavam assim uma fita-cola no chão para pôr os pés em cima daquilo, para não arredar um pé, nem para um lado, nem para o outro. Era verdade. Gostei de participar. Mas no último dia já não podia andar em pé. Eram quatro e meia da manhã quando me vieram trazer. Era tudo filmado de noite.

Não sei porque se chama "Sangue Vermelho". A rapariga, a que fez de minha neta, está até na capa do disco. Está com a boca aberta. Fôramos lá um dia, no fim de ter aquilo acabado, só para gravar a voz. Ela foi lá, abriu a boca o que podia, e gritou muito de alto. Vieram aqui dar uma demonstração mas eu não percebi a história do filme. Lá o senhor Pedro trouxe para aqui um dia um bocadito. Coisa de nada. Foi tudo lá para dentro para ver. Toda a gente disse:

- "Ai não valeu a pena cá vir, foi pouquinho. Foi uma pequenina amostra."

Era curta-metragem, coisa pequena.

O segundo filme foi também em Pardieiros, numa procissão. Vieram cá convidar-me. Não saíam aqui da porta.

- "Há-de ir. E há-de ir. E veja lá."

E eu dizia que já não estava em condições, que não podia. Eles diziam que não custava nada. Mas custou, porque cortavam a fita muitas vezes. A gente chegava a pontos que já não podia. Mas fui muito bem estimada. A filmagem foi aqui à minha porta a falar aqui com o Manel que também ajudou a realizar aquilo. Eram as mesmas pessoas da Mata. Era o Bruno, o Rui e o outro é Miguel, dos que lá andavam na Mata. Havia também uma rapariga, que está em Côja, que chamam Isabel. Quando me vim embora chorei e fui-me despedir deles. Eles queriam que eu lá comesse, comiam de noite e de dia, coitados. Estavam aí a trabalhar e foram para um barracão ao lado comer. Mas eu não. Estava à rasca para vir para a minha cama. E eles ficaram até de dia a trabalhar. Os primeiros a virem embora fui eu, o que fazia de conta que era meu filho e a rapariga.

No filme, o meu filho andava fugitivo, era mau. Tinha estado preso e andava fugitivo. Depois apareceu e lá fui ter com ele:

- Então tu por aqui a esta hora? O que é que tu andaste a fazer? O que é que tu tens andado a fazer? Que vida é a tua?

Eu assim para ele. Diz ele:

- "Mandaram-me por bom comportamento."

Digo-lhe eu:

- Ainda bem!

Era assim. As coisas eram assim! Depois perguntei-lhe se ele queria comer. Era como diziam para eu dizer. Tanto que ele aparece até com os braços abertos

e a fugir. Parece que vai no ar. Não sei o que ele tinha feito para andar fugido, não sei.

O papel da minha neta era eu a dar-lhe de comer, pão. Andava de galdéria na rua, sem a minha autorização, e eu ia buscá-la. Chamava por ela e depois sentava-a em cima de uma cama, assim de má. Tinha aí uns 14 anos. Já era crescida.

No filme usei uma roupa que era minha. A que levei o primeiro dia foi até ao fim. Os mesmos sapatos, a mesma roupa. Nem quiseram coisas a luzir, nem nada. Era uma saínha plissada que ali tenho no guarda-fato, bonita até. Lavei-a umas poucas de vezes. A casa onde se trabalhava, estava cheia de barro, de terra nas paredes.

A minha personagem morria no fim, era o meu filho a matar-me com uma machadada. Mas não tive medo. Eu vi bem que aquilo era tudo fogo de vista. Arranjaram um machado. Assim um machado grande de esponja metido num pau, encabado como os outros machados. Trouxeram sangue de Côja. E depois fingia que dava uma machadada. Aquilo não doía, porque é mole. E depois safa aquele sangue ou uma tinta qualquer. Quando aquilo acabou, disparou a máquina, fez um barulho parecia um trovão. Parecia que tremeu a casa. Foi bonito. Depois tudo se agarrou a mim, a dar-me um beijinho e a dizerem que era uma estrela. Chorei. Nunca isto me pode esquecer.

Se eu fosse nova não gostava de ser atriz mas ainda ia participar numa coisa qualquer, se pudesse, porque foi uma experiência boa que tive. Lidei com muita gente e boa.

Agradei quando vim embora. Disseram que ficou a estimação e o respeito, porque foi com muito respeito. Eu também disse para o senhor que organizou o filme:

- Olhe senhor, eu posso ir mas veja lá se vocês fazem coisas que depois não gosto de me ver, não vou. Que eu sou uma pessoa séria, honesta, não quero cá brincadeiras. Sou uma mulher viúva.

- "Não. Vá. Esteja descansada que não há nada de especial."

E não, não houve. Eles quando abusam das pessoas já sabem onde vão ter. Na família ficaram todos contentes. O meu filho quando falam em mim, em qualquer lado, fica todo contente. É verdade. Fui a única da aldeia, com esta idade, que fez isto. Ainda ganhei algum. Ainda me deram alguma coisita. Pensam que eu andava lá por ganhar uma fortuna ou por me fazer grande. Não.

Sonhos Saúde

Eu tenho um sonho: era que Deus me desse saúde. Como costumavam dizer os antigos o que eu quero é "pão com côdea e borracha à cinta".